

### Caminhos em construção: uma entrevista com Hortência Moreira

#### *Paths Under Construction: An Interview with Hortência Moreira*

DOI: 10.5965/259446301032026e9437

Entrevistador:

**Mara Rúbia Sant'Anna**

Universidade do Estado de Santa Catarina.

Lattes: 8949042412277782. Orcid: 0000-0002-9101-5800.

Scopus: 55622186500. E-mail: [mara.santanna@udesc.br](mailto:mara.santanna@udesc.br)

**Júlia Gomes Lessa**

Universidade do Estado de Santa Catarina.

Lattes: 4176519192326374. Orcid: 0009-0008-8686-5190.

Scopus: 60428904400. E-mail: [julia.lessa@edu.udesc.br](mailto:julia.lessa@edu.udesc.br)

**Vinicius Vicente**

Universidade do Estado de Santa Catarina.

Lattes: 8107494805595683. Orcid: 0009-0005-5883-3886

E-mail: [vinicius.vicente2603@edu.udesc.br](mailto:vinicius.vicente2603@edu.udesc.br)

Data da entrevista: 06/08/2026.



Licenciante: Revista de Ensino  
em Artes, Moda e Design,  
Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob  
uma licença Creative Commons  
Attribution 4.0 International License.

Publicado pela Universidade do  
Estado de Santa Catarina

Copyright: © 2025 pelos autores.

Submetido em: 14/09/2026

Aprovado em: 28/09/2026

Publicado em: 01/10/2026

## Resumo

Ao longo deste ano, Hortência Moreira esteve presente em cada volume da Revista de Ensino em Artes, Moda e Design por meio de entrevistas com a artista, construindo conosco uma sequência de encontros que revelou diferentes aspectos de sua trajetória e de seu fazer artístico.

Para fechar essa sequência, nesta última entrevista, Hortência nos conta um pouco mais sobre o que vem pela frente: seus projetos futuros, os novos caminhos que pretende explorar e os planos que começam a tomar forma. Um último encontro que, mais do que encerrar uma trajetória de conversas, abre espaço para aquilo que ainda está por vir.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Planejamento artístico. Trajetória em artes.

## Abstract

*Throughout this year, Hortência Moreira has been present in each issue of the Revista de Ensino em Artes, Moda e Design through interviews with the artist, building with us a sequence of encounters that revealed different aspects of her career and artistic practice.*

*To close this sequence, in this final interview, Hortência tells us a little more about what lies ahead: her future projects, the new paths she intends to explore, and the plans that are beginning to take shape. A final encounter that, rather than simply bringing this series of conversations to an end, opens space for what is yet to come.*

**Keywords:** Contemporary Art. Artistic Planning. Art Career.



Foto: Mirian de Campos, 17/10/25.

**Hortência Moreira** é uma artista visual que capta momentos e detalhes da vida urbana. Por meio da coleta de fotografias e objetos da cidade, especialmente das construções que a compõem, a artista visual cria pinturas, colagens, objetos e instalações que remetem à sua vivência pessoal. Suas obras são travessadas pela memória afetiva de momentos de sua trajetória, como a infância em Goiânia — cidade onde nasceu, vive e trabalha —, mantendo seu ateliê dentro de casa. Esses elementos se conectam com as referências que a artista encontra nas ruas. Imagens de ruínas, trânsito, calçamentos e paredes urbanas são algumas das fontes de inspiração em seu processo criativo.

*Lapidarium* reúne três séries criadas a partir de fragmentos e imagens coletadas pela artista, como uma espécie de galeria de obras produzidas em 2024. A terceira série, intitulada *Fendas*, estampa a capa do volume 10, nº 3, do dossiê “Criação, transmissão de conhecimento e cultura: entre a

*tradição e a inovação*”, apresenta colagens e técnicas mistas de pintura sobre tela.

Entrevista realizada de forma on-line, em Florianópolis, no dia 06 de agosto de 2026.

## Entrevistadores

Hortência, chegamos à nossa última entrevista! A primeira foi mais voltada para a sua história de vida e trajetória profissional, enquanto a segunda abordou seu processo criativo e sua coleção de obras. Nesta terceira e última entrevista, queremos saber mais sobre seus projetos atuais, suas pesquisas e seus projetos futuros, incluindo a possibilidade de explorar outros espaços urbanos.

Assim, separamos como primeiras questões a serem tratadas: desde nossa última entrevista, você sente que algo mudou? Você já possui projetos em andamento que comentamos anteriormente, como as obras-livros. Elas revisitam o seu passado, mas também dialogam com o seu presente. Você acredita que consegue reinterpretá-las ou atribuir novos olhares e significados a essas obras a partir das experiências que acumulou ao longo do tempo?

## Hortência Moreira

Esses livros-obras, na verdade, estão em pausa. Fiz muitas coisas este ano dentro das minhas possibilidades, porque sou cuidadora da minha mãe, da minha casa... que também é meu laboratório, de certa maneira. Participei de algumas exposições aqui em Goiânia, principalmente coletivas e, muitas vezes, eram obras que já estavam prontas, então não exigiam uma dedicação tão grande. No início do ano, participei também de um salão em Santo André, que acho que cheguei a comentar na entrevista anterior. Foi um período de muita efervescência e também de certo cansaço.

Eu estava com esses livros na cabeça, porque eles são uma espécie de anotação do que faço e das minhas séries. Eles estão pausados, mas ontem mesmo voltei a trabalhar neles. Foi interessante porque passei em um edital que foi uma chamada pública de bolsas para cursos livres. Passei no curso intitulado Desdobramentos: se trata de um curso virtual pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage/ Rio de Janeiro. Era um acompanhamento artístico virtual, o que me interessou muito, porque atualmente procuro coisas que sejam on-line. Praticamente só consigo sair de casa quando minha tia vem ficar com a minha mãe e com os cachorros. Ganhei uma

bolsa e, durante quatro meses, até novembro, vou ter esse acompanhamento artístico. Achei muito bom.

Eu pensei que fosse um curso, mas é um acompanhamento artístico com um artista do Rio, e a turma é bem pequena, com apenas cinco pessoas. Ontem foi a primeira aula e eu apresentei os livros. Isso me fez refletir sobre como trabalho com as séries. Quando comecei a fazer esses livros, que considero obras, livros e pinturas, foi justamente para não me perder na quantidade de séries que fui criando. Desde que comecei a estabelecer um sistema próprio de produção de obras, percebi que precisava registrar tudo: nomear as séries, compreender o conceito e a história de cada uma.

Quando comecei a fazer os livros, percebi que precisava elaborar melhor tudo o que já tinha coletado. Por isso fiz uma pausa e decidi fazer uma imersão dentro do ateliê. Não parei de coletar, mas agora faço isso de uma maneira mais selecionada. Se vou a algum lugar e encontro uma imagem que realmente me interessa, eu fotografo. A imagem tem que realmente me tocar muito, para eu capturar. Acho que essa é uma das mudanças. Fiz essa pausa e agora acredito que vou retomar os livros.

O que percebo é: uma série começa com todo um processo de coleta e, às vezes, de arqueologia, que envolve juntar, descobrir de onde veio cada coisa e registrar essas informações. Também invento histórias. Às vezes, faço uma pintura. Trabalho em uma série, depois paro e retomo outra, e essa nova série acaba sendo impregnada pela anterior. Quando volto para uma série antiga, ela também vem impregnada pelo que estou fazendo no presente. Então, as séries ficam se retroalimentando.

Para falar a verdade, estou um pouco perdida. Preciso dessa pausa justamente para me reencontrar. E acho que é isso que responde à pergunta sobre as obras revisitarem o passado e dialogarem com o presente.

## Entrevistadores

Você acredita que consegue reinterpretá-las ou atribuir novos significados?  
E o que aconteceu com os projetos que estavam em andamento?

## Hortência Moreira

Acho que esse projeto de imersão a que me propus é uma espécie de autorresidência. Em junho, pensei que precisava de uns quatro meses só para mim, dentro do ateliê. Mas eu também preciso seguir com as encomendas, alguns quadros que estou pintando e outras coisas acontecendo.

Não sei se contei a história da porta. Encontrei uma porta dentro de uma caçamba, em uma rua onde morei durante a infância. Era da casa vizinha. Coloquei no carro, trouxe para casa e comecei a trabalhar nela. Levei essa história para a minha análise e contei que queria encontrar um olho mágico para colocar na porta.

Fiquei lembrando de uma questão que aparece muito no meu trabalho, que é esse espaço entre o público e o privado, presente nas fachadas, portas e janelas. Contei isso para minha analista, e ela disse que tinha um olho mágico e que queria a porta quando eu terminasse. Ela comprou um olho mágico que veio dentro de um coração de madeira, encrustado, e me deu. Então, estou trabalhando nessa porta e nesse olho mágico.

Ontem, durante o acompanhamento artístico, apresentei os livros e também falei sobre as placas de endereço, que têm essa questão do código. Para mim, a placa é um código do lugar e da pessoa que o habita. Quando fotografo essas placas, a pessoa também tem o direito de não querer ser fotografada, porque existe uma espécie de invasão. Quando contei essa história do olho mágico, a professora percebeu que existe uma relação entre as duas coisas. Você olha de dentro, mas quem está fora também permite que um olhar interno o alcance. Ao mesmo tempo, a pessoa se posiciona para entrar.

Acho que esse acompanhamento artístico é um projeto novo que está começando agora e está relacionado a tudo isso.

## Entrevistadores

Você comentou que está tentando entrar mais nesse mundo digital. Como você sempre fala sobre o caminhar e o olhar exploratório para coletar coisas da rua, queríamos saber como isso fica diante desse novo mundo de

digitalização. Nos próximos trabalhos, você imagina trabalhar com rastros digitais ou pretende manter essa relação mais física?

## Hortência Moreira

Eu sou sempre aberta a isso e, obviamente, o digital me influencia. Em 2012, fiz um trabalho chamado Galpões Portáteis, no qual quis estabelecer uma relação entre o virtual e essa coisa construída. Entrei com o projeto em uma residência artística em Brasília, chamada Fora do Eixo. Fiquei quinze dias lá com outros sete artistas, produzindo no Centro Cultural Renato Russo.

A ideia era sair pela cidade caminhando, tirando fotos e coletando coisas, como faço normalmente. Levei minha impressora e meu notebook para a residência. Cada artista tinha um espaço e eu peguei uma parede. Tudo o que coletava, eu imprimia e organizava em uma grande colagem, interferindo nas imagens e convidando outras pessoas a participarem. Depois, fotografava o resultado.

O projeto se chamava Galpões Portáteis porque criei uma espécie de maquete de um galpão em um software de projeto arquitetônico e instalei isso em um blog. Fiquei alimentando o blog durante a residência, tentando divulgar o trabalho. Talvez exista uma terceirização desse mundo virtual para mim, porque sou muito ligada ao tátil e ao físico. Gosto de estar na tela, mas também gosto de pegar nas coisas. Até minhas postagens no Instagram às vezes demoram, porque fico recompartilhando coisas que já tenho ou que me marcaram.

Mas tenho abertura para o digital e acho que os rastros que levo para o meu trabalho dizem muito sobre o espaço. Tenho um trabalho chamado Pontos de Referência, feito com plaquinhas que indicam lugares, como “ali era o bar da Dona Marlene”. Um dia, enquanto estava fazendo essas placas, ouvi um motoboy dizendo “manda localização”. Tive a ideia de fazer uma placa com essa frase.

Acho interessante porque “mandar localização” é uma ação muito digital relacionada a um espaço que não existe fisicamente. A pessoa recebe

aquela localização e consegue saber onde está. É um tipo de rastro digital que eu levo para o físico.

Também fiz um trabalho em que fotografei uma placa enferrujada que achei bonita. Revelei a fotografia em papel fotográfico e depois interfeiri manualmente nela, raspando a imagem com uma chave de fenda e escrevendo sobre a fotografia. Depois, essa imagem virou fotografia novamente. Então, mesmo quando parto de algo digital, muitas vezes acabo levando para o físico.

Não tenho como prever o que vai acontecer, porque muitas ideias surgem de situações inesperadas. Como quando estava caminhando e ouvi alguém dizer “manda localização”. Acho que outros rastros digitais podem aparecer no meu trabalho, mas ainda não sei como.

## Entrevistadores

Você tem vontade de explorar outros locais além da cidade onde está? Diferentes paisagens, lugares e possibilidades?

## Hortência Moreira

Com certeza. Nesse banco de dados que venho organizando, tenho imagens de outros lugares também. Cada viagem que faço acaba virando uma residência, porque a artista não para. Às vezes, estou sentada em algum lugar conversando e, de repente, estou do outro lado da rua fotografando alguma coisa.

Já trouxe imagens de Recife, Brasília, São Paulo, Rio e de muitos outros lugares. Tenho um acervo imenso que ainda nem explorei completamente. Todas as viagens acabam sendo uma espécie de residência, um laboratório de coleta. Neste momento, está mais difícil viajar por causa da minha mãe, mas continuo procurando. Acho que em setembro vou conseguir sair, porque minha tia vai ficar aqui por um período.

Também estou sempre em conexão com pessoas de fora. Meu trabalho está caminhando e, agora, tenho uma obra em uma exposição coletiva na

Galeria Tato, em São Paulo. Sempre que posso, gosto de explorar outros lugares.

Uma das reflexões que faço no meu trabalho é justamente essa. Quando vou para outros lugares, sempre procuro algo que se pareça com o que existe aqui. Tenho pastas com imagens que considero semelhantes e que estabelecem diálogos entre si. Às vezes misturo imagens de Goiânia, Brasília, Recife e outros lugares na mesma pasta. Quando essas imagens se juntam, sinto que existe quase um déjà-vu.

É como andar por uma cidade e encontrar um lugar que lembra outro. Se vocês vierem para Goiânia, por exemplo, podem encontrar um espaço que lembre Florianópolis. Isso também faz parte do meu trabalho. Acho que essa busca pelo déjà-vu tem relação com a necessidade de encontrar algo que nos aconchegue quando estamos em um lugar diferente. Quando estou em uma esquina de São Paulo e sinto que aquilo me lembra um lugar de Goiânia, não me sinto tão estrangeira. Existe, então, uma busca exploratória por lugares e pelas diferentes nuances desses lugares.

## Entrevistadores

Nós tínhamos uma pergunta sobre as ruínas e os lugares que você gostaria de explorar. Talvez isso já tenha sido respondido quando você falou sobre conhecer outros lugares e continuar explorando novos territórios. Existe algum lugar ou projeto específico que você ainda gostaria de realizar?

## Hortência Moreira

Eu gostei muito dessa pergunta, porque achei difícil. Não fico esperando um lugar específico. Vou passando e as coisas vão acontecendo. Isso está acontecendo, inclusive, com a minha própria casa.

Comecei a perceber que meu trabalho, que normalmente não tem figura humana nem vegetação, está mudando. Cultivo plantas em casa e ela vai se transformando. É quase como se a casa estivesse virando uma obra também. Agora começou a entrar vegetação no meu trabalho.

Um dia fiz uma exposição e fotografei alguns escombros que encontro pela cidade e depois interfiro neles. São pedaços de demolição de parede que transformo em esculturas, acrescentando pintura, molduras ou outros objetos. Esses escombros são uma espécie de sítio arqueológico para mim. Também encontro placas e outros elementos, e vou organizando essas coleções.

A história desses escombros também é importante. Eu levava minha mãe para fazer fisioterapia três vezes por semana e passava sempre em frente a um lugar onde havia esses materiais. Achava aquilo muito bonito e pensava que voltaria para pegar. Depois de uns seis meses, voltei. É preciso ter disposição física e também não se importar com o que as pessoas vão pensar, porque às vezes alguém acha estranho você pegar um pedaço de escombros na rua.

Esses materiais ficaram comigo. Fotografei, interfei e depois essas fotografias viraram pinturas. Em uma exposição coletiva, apresentei duas pinturas feitas a partir desse processo. Fiquei desenhando e conversando com outra artista, que comentou sobre os escombros. Conteí que eles estavam na minha casa e que ela estava cheia de plantas. Eu dizia que estava vendo a hora de as plantas entrarem no ateliê e nas obras. Ela perguntou por que eu não deixava isso acontecer. Foi aí que percebi que estava cultivando as plantas também para pintar.

Então, uma coisa nova está acontecendo. Estou indo muito para a pintura. As vegetações da casa estão entrando no meu trabalho, e tudo ainda está em processo. Tenho os escombros, a pintura e essa ideia de colagem. Pego fragmentos das fotografias que fiz e começo a misturar com o abstrato, com aquilo que vejo na cidade. Em algumas pinturas surgem portões e outros elementos. Hoje, estou pintando praticamente o meu próprio ateliê.

Muitas coisas estão surgindo, e é por isso que precisei dessa pausa. Acumulei muitas coisas e agora preciso decidir o que fazer com elas. Acho que minha casa e meu ateliê se tornaram um território artístico que estou explorando. Essa imersão é justamente uma forma de elaborar tudo o que já capturei e, talvez, concluir os livros.

## Entrevistadores

Ao mesmo tempo em que a casa é compartilhada, você tem liberdade para ocupar esse espaço e transformá-lo em um território artístico. Não é apenas um lugar para trabalhar, mas um espaço que também se tornou fonte de inspiração, inclusive com as plantas avançando pelas janelas e portas.

## Hortência Moreira

Minha mãe é cadeirante, mas consegue se movimentar sozinha pela casa. Eu abri tudo, então quase não existem portas, e o espaço é bastante adaptado. Ela costurava e também tinha o ateliê dela, que ainda fica lá na frente, mas agora decidiu que não quer mais costurar. Então, estou tomando conta da casa.

Antes existia uma espécie de disputa. Eu ocupava muito espaço, ela reclamava e eu recuava. Às vezes também dizia que ela estava ocupando demais. Agora a casa praticamente toda virou um ateliê. Faço encontros aqui e trocas com meus amigos artistas. Na próxima semana, por exemplo, vou fazer um encontro com a Maristela.

Acho que estou em um momento muito interno. Antes havia uma característica mais forte da rua, da busca nas andanças. Agora parece que estou elaborando tudo isso e criando um território artístico, dando forma e significado para tantas coisas que capturei.

## Entrevistadores

Em outra entrevista você comentou sobre as leis de incentivo e sobre como seus projetos são muito independentes. Agora você fala em fazer uma pausa, mas ao mesmo tempo precisa continuar buscando recursos. Esse curso que está fazendo também funciona como uma forma de apoio. Você pensa em ampliar isso?

## Hortência Moreira

Saíram alguns editais com recursos financeiros aos quais, durante este tempo de pausa, também estou me dedicando. Então, estou sempre de olho nos editais. Isso eu não posso parar.

Além disso, tento fazer minhas vendas... Preciso estar nesse movimento porque sou realmente independente. Sempre existe uma preocupação financeira. As pessoas que vêm aqui, por exemplo, querem encontrar coisas mais acessíveis, então tenho obras de diferentes preços. Tenho telas e desenhos para diferentes possibilidades.

Às vezes penso em fazer alguns desenhos para vender, mas não posso deixar a qualidade cair. É um equilíbrio o tempo inteiro. Tenho que conciliar o trabalho artístico com a preocupação financeira. Não consigo simplesmente sentar e fazer desenhos apenas para vender. Preciso daquele momento de concentração para produzir.

Então, vou trabalhando na porta, nas pinturas e descobrindo que a vegetação está entrando na minha obra. Ao mesmo tempo, tenho um bloco de papéis onde vou depositando ideias, e dali surgem desenhos. Tento manter uma resistência à produção massificada apenas para venda e a essa necessidade de me adaptar o tempo inteiro para conseguir sobreviver.

É uma situação insegura, com certeza. É uma montanha-russa. No começo do ano vendi muitas obras e participei de um clube de colecionadores, no qual vendi 30 obras. Fiz várias vendas e, de repente, tudo para. Depois volta. Por isso, é preciso ter uma organização financeira diferente, porque não tenho um salário.

Também existem os custos de produção. Mesmo encontrando muitos suportes, preciso comprar cola, tinta, pincel, tinta para impressora e outros materiais. É uma manutenção constante. É outro estilo de vida e meu padrão é diferente. Mas estou atenta e tentando buscar oportunidades.

## Entrevistadores

Como última pergunta: se você imaginar daqui a cinco ou dez anos, como você acredita que estará sua produção artística? Você tem alguma visão para esse futuro?

## Hortência Moreira

Quero fazer uma retrospectiva. Já fiz quatro exposições individuais, a primeira por volta de 2006 ou 2007, depois em 2017, 2024 e 2025. Agora estou vivendo essa pausa, porque não quero continuar com a tendência que tinha de aceitar qualquer projeto. Estou fazendo uma pausa de reflexão, que considero também uma residência.

Quero justamente revisitar esse passado e recriar algumas obras. Daqui a uns três ou quatro anos, gostaria de fazer uma retrospectiva. Também quero expandir cada vez mais. Não quero ficar apenas em Goiânia. Quero ampliar a visibilidade do meu trabalho, porque acho importante difundir a linguagem e fazer com que a obra seja vista.

Já estou com 52 anos, mas acho que ainda tenho bastante tempo. Desde 2000, quando fiz a especialização, comecei a considerar de fato que tinha uma profissão e que era artista. Antes eu trabalhava com arquitetura e ficava dividida entre as duas profissões. Mesmo assim, ainda me sinto como se estivesse começando novamente.

Acho que todo ano é uma espécie de renascimento. Você encerra um momento e começa outro. Estou em um novo momento e acredito que existe espaço para expandir minha obra. Quero muito. Toda oportunidade que aparece, procuro aproveitar, mas hoje faço isso com outra cabeça, mais madura e menos ansiosa.

Antes, existia muito conflito entre trabalhar e pensar que precisava mostrar o trabalho, aparecer e fazer com que ele fosse visto. Agora não. Neste momento, preciso repensar o trabalho e, futuramente, quero fazer uma retrospectiva. A criação já tem, por si só, esse poder de se renovar e manter o movimento vivo, e isso também transforma a artista que produz.

Eu sou daquelas pessoas que exageram. Na véspera das exposições, às vezes ficava trabalhando até depois da meia-noite, até o corpo não aguentar mais. Acabei tendo tendinites e lesões no joelho e estou fazendo tratamento. Então pensei que não precisava me dilacerar fisicamente. É preciso ter equilíbrio.

Estou fazendo exercício físico e indo à academia todos os dias. Existe também uma questão de preparo físico. Não é sobre ter um determinado físico, mas sobre ter disposição para pegar as coisas, parar o carro, voltar para buscar alguma coisa. Houve uma época em que eu estava passando por um momento difícil, porque minha mãe tinha amputado a perna e eu estava me adaptando a essa situação. Minha produção caiu bastante.

Por isso, o movimento de parar o carro, voltar e pegar aqueles escombros foi um marco para mim. Eu pensei que precisava levar aquilo comigo e fazer alguma coisa com aquilo. Isso também faz parte do meu trabalho e da forma como minha produção foi se transformando.

## Entrevistadores

Finalizamos! Conseguimos completar essas três entrevistas conhecendo um pouco mais de você, do seu lado artístico e, principalmente, da sua arte e da sua maneira de ver o mundo. Agradecemos muito pela participação e colaboração.

## Hortência Moreira

Sou agradecidíssima. Sempre que quiserem, podem me chamar. Fiquei muito feliz e me senti realmente honrada. Para mim, foi um superexercício. Agradeço também e, depois, quero guardar tudo isso. Quem sabe essas entrevistas não vão junto com o meu livro.

## Considerações Finais

Com esta entrevista, podemos conhecer um lado da artista que ainda não havíamos explorado nos encontros anteriores: seu planejamento atual e suas perspectivas para o futuro. Hortência compartilha suas vontades de explorar novos espaços e diferentes possibilidades dentro de sua

produção, sem deixar de preservar aquilo que atravessa sua trajetória: sua identidade, seu olhar e seu processo artístico<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Correção gramatical realizada por:  
Albertina Felisbino, Doutora em  
Linguística, UFSC, 1996:

#### **Agência de pesquisa financiadora da pesquisa**

Não Aplicável.

#### **Declaração de conflito de Interesses**

Os entrevistadores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

#### **Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores (CRediT - Contributor Roles Taxonomy)**

Concepção da entrevista: Júlia Lessa e Vinicius Vicente; ambos participaram da criação de perguntas e estiveram presentes na entrevista realizada na modalidade on-line. Mara Rúbia Sant'Anna orientou a formulação das questões e revisou as respostas. Condução da entrevista: todos os entrevistadores. Transcrição: Júlia Lessa: realizou a transcrição integral da entrevista. Edição: Júlia realizou a edição do material, inclusão das notas de rodapé e editoração. Revisão final: Mara Rúbia Sant'Anna revisou o texto final da entrevista.

#### **Declaração de Uso de Inteligência Artificial**

Não Aplicável.

#### **Material suplementar**

Todos os dados necessários para reproduzir os resultados estão contidos no próprio artigo.

#### **Agradecimentos**

Gostaríamos de agradecer novamente à excelente artista Hortência Moreira por compartilhar conosco seu tempo, sua experiência, seus conhecimentos e um pouco de sua trajetória ao longo dessas três entrevistas. Foram encontros muito proveitosos, que nos permitiram conhecer diferentes aspectos de seu trabalho e de seu fazer artístico. Além das conversas, tivemos também a alegria de levar suas obras para as capas de nossas edições, tornando cada uma delas ainda mais especial. Obrigada!

## Referências

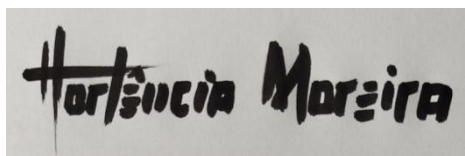
ATELIE.CASAUM (@atelier.casaum). Instagram, 1 out. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DPR3jwqDjRT/>. Acesso em: 01 abril 2026.

LAPIDARIUM: catálogo de exposição. Projeto gráfico: Alexandre Guimarães. Goiânia: Vila Cultural Cora Coralina, 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ZmiAoXOe27XkpzF6Abz7fOE46HSdBTny/view>. Acesso em: 1 abr. 2026.

## Autorização

Eu, Hortência Moreira Soares de Sousa, abaixo assinado, autorizo Mara Rúbia Sant'Anna, Júlia Gomes Lessa e Vinicius Vicente a utilizar as respostas por mim prestadas e fotografia apresentada, conforme texto anexo, que tem como título a ser publicado na Revista de Ensino em Artes, Moda e Design em 01 de outubro de 2026.

Cidade, 14 de setembro de 2026.



Assinatura do entrevistado